CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE LITERATURA PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR

Vanessa Alencar de Lima (UFNT)
vanessaemanuelpl@outlook.com
César Alessandro Sagrillo Figueiredo (UFNT)
cesarpolitika@uft.edu.br

RESUMO

Neste artigo pretende-se mostrar que a prática de leitura de obras literárias possibilita melhor formação de cidadãos críticos nos aspectos políticos, sociais e ideológicos. Objetiva-se aqui discutir reflexões sobre o ensino da leitura literária em espaços formais de educação, pois é no referido espaço que a massa da sociedade tem contato com outras culturas e nuances sociais e incutir um interesse pela leitura de textos literários, em especial a literatura canônica, em busca de oferecer ao aluno condições para debater, e se posicionar com criticidade na sociedade que é acometida por variados temas. O texto compartilha do que defende os teóricos Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2019), que discutem sobre a formação do leitor; Dalvi, Rezende, Jouver-Faleiros (Orgs) (2013); Candido (1972) e Regina Zilberman (2008, 2009), dentre outros que abordam o papel da literatura na escola. A pesquisa é de cunho bibliográfico, baseando-se em leituras e visão aprofundada das questões sobre a formação de aluno leitor. A investigação se baseia no como promover a leitura de textos literários na educação básica desde os anos iniciais (considerando-se o ensino fundamental). Pretende-se apresentar a importância de se inserir a leitura de textos literários em sala de aula em promoção à formação de cidadãos que usam o ato de ler para ativar e processar criticamente o mundo que os cerca.

Palavras-chave:
Ensino. Leitura. Literatura.

ABSTRACT

This article intends to show that the practice of reading literary works enables a better formation of critical citizens in political, social and ideological aspects. The objective here is to discuss reflections on the teaching of literary reading in formal spaces of education, since it is in that space that the mass of society has contact with other cultures and social nuances and instills an interest in reading literary texts, especially literature canonical, seeking to offer the student conditions to debate, and critically position himself in the society that is affected by various themes. The text shares what the theorists Marisa Lajolo and Regina Zilberman (2019) defend, who discuss the formation of the reader; Dalvi, Rezende, Jouver-Faleiros (Orgs) (2013); Candido (1972) and Regina Zilberman (2008, 2009), among others that address the role of literature in school. The research is bibliographic in nature, based on readings and an in-depth view of questions about the formation of student readers. The investigation is based on how to promote the reading of literary texts in basic education from the early years (considering elementary school). It is intended to present the importance of inserting the reading of literary texts in the classroom in order to promote the formation

of citizens who use the act of reading to activate and critically process the world around them.

Keywords:
Literature. Reading. Teaching.

1. Introdução

A leitura se tornou uma ferramenta para estreitar mundos, nivelar as diversidades sociais e favorecer o indivíduo, pois o quanto mais lê, mais integrado fica seu pertencimento ao mundo. A leitura de textos com linguagem criativa deve ser instigada desde muito cedo, iniciando-se pela leitura de imagens, mas nos referimos aos textos de forma escrita, lidos e mediados em sala de aula, isto é, os textos lidos a partir da intensão de se formar alunos leitores.

Compreendendo a importância de se iniciar a leitura de textos com linguagem criativa nas primeiras etapas do Ensino Fundamental, substanciando o quanto essa leitura pode promover significação, se mediada por profissionais experientes. No entanto, tudo isso deve acontecer sob a ótica de estratégias diversas a fim de atingir todos os públicos, mas principalmente favorecer ferramentas para o aluno ampliar essas leituras para além dos muros da escola. Isto é, buscar a formação de um leitor profícuo, crítico e que saiba usar esse conhecimento na sua vida cotidiana.

O objetivo geral, é fazer entender como os textos podem ser melhor trabalhados, lidos, explorados em sala de aula, visando a valorização da imaginação do leitor, bem como estimular o hábito pela leitura e promover interação do leitor/ texto/ contexto e autor.

Nessa proposta, apresentamos que a leitura primada é a leitura literária favorável ao ensino como um todo, como assegura Barthes (1979) “todas as disciplinas deveriam ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário (Cf. BARTHES, 1979 *apud* DALVI, 2013, p. 71).

Logo, a problemática da pesquisa, pauta no seguinte questionamento: como a prática de leitura realizada em sala de aula contribui para a formação do sujeito-leitor? Ademais, como esta colabora na formação de leitores críticos possíveis de ampliar a prática para outrem.

Na proposta, esboçamos como aporte teórico: Dalvi, Rezende, Jouver-Faleiros (Orgs.) (2013); Candido (1972; 2019); Zilberman (2008-2009) e Barros (2016) ambos falando da importância de se formar um

público leitor por meio da literatura e em espaço escolar, além dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa, que recomenda o texto para promover o ensino.

Por conseguinte, o trabalho apresenta além da introdução e considerações finais, os tópicos: Literatura e Ensino; Passos e Espaços do ensino de Literatura; Leitura literária e mediação, e Escola: Espaços de Leitura para melhor situar a defesa de cada teórico e traçar um panorama de nossas concepções do ensino de literatura.

Ademais, traçamos um percurso de desenvolvimento do trabalho fundamentado na pesquisa bibliográfica, que de acordo com Gil (2007),

> [...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 2007, p. 44)

Dessa forma, nosso aporte teórico aprofunda os estudos sobre literatura, ensino e formação de aluno leitor desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que, para muitos, a escola é a porta de entrada dos alunos na prática de leituras literárias de maneira a favorecer ao público os múltiplos significados do texto.

2. Literatura e ensino

A literatura se relaciona intrinsicamente com o ensino quando um dos pilares da educação é formar leitores competentes, intermediada pela leitura literária promove no leitor uma encenação da realidade doutrora, como também a lume condições de confrontar-se ou de se reinventar a partir das leituras que os atravessam. Quando vislumbramos o que seja literatura, conforme defende Colomer (2007):

> A literatura é sentida como uma das formas em que se auto – organiza e se auto – representa o imaginário antropológico e cultural, um dos espaços em que as culturas se formam, se encontram com outras culturas, as absorvem, pretendem confrontar-se ou conquistá-las; ou bem elas desenvolvem, no seu interior, modelos alternativos aos existentes, ou criam modelos e imagens do mundo que, através da retórica da argumentação e da persuasão, tratam de impor-se aos diferentes estratos de público que configuram o tecido social. […] a literatura oferece importantíssimos suportes e modelos para compreender e representar a vida interior, os afetos, as ideias, os ideais, as projeções fantásticas e também, modelos para representarmos nosso passado, o de nossa gente, e o dos povos, a história. (CASSARINI; FREDERICIS, 1988 *apud* COLOMER, 2007, p. 29)

Em conformidade com os autores, vemos que a literatura pode exercer um papel de influência para com o leitor, logo, apresentada com uma organização concatenada de progressão, seja direcionada aos públicos em específicos, uma vez que, segundo Barthes (1979), "a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é preciso" (BARTHES, 1979, p. 18-19 *apud* DALVI, 2013, p. 71).

O que concerne o uso de textos literários na educação infantil, Dalvi (2013) assevera que "o trabalho com a oralidade e com as formas populares frequentemente não é visto como uma inserção no mundo da literatura" (DALVI; REZENDE; JOUVER-FALEIROS, 2013, p. 71). Entende-se que a partir desse contexto e modalidades textuais, é que se favorece a criança, ampliando ou conhecendo as manifestações de leituras; mesmo antes de estarem inseridas no mundo das crianças autônomas, isto é, as que escolhem e leem seus próprios textos selecionados.

A leitura de forma progressiva abrange os textos verdadeiramente literários, e as crianças nas primeiras inserções de textos de literatura já podem particularizar algumas características dos gêneros textuais a partir da sonoridade e do uso da linguagem, desde que sejam alunos instigados e incentivados pelo professor à leitura de textos integrais e cada vez mais sofisticado e elaborado.

Conforme Dalvi, Rezende e Jover-Faleiros (2013, p. 10), a escritora Rouxel "propõe a necessidade de uma reflexão, primeira, a propósito da concepção de literatura que está na origem das orientações didáticas e de suas transformações no campo dos estudos literários". Tais transformações servem como meio para dar voz ao leitor, permitindo a construção do conhecimento a partir das leituras. Partindo disso, Zilberman (2008, p. 07) reverbera que "Atualmente não mais compete ao ensino da literatura a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor". Logo, a escolarização da literatura no Ensino Fundamental Anos Iniciais já deveria ter sido realizada, a literatura somente contribuiria nas etapas de formação do aluno que já é considerado leitor nas etapas subsequentes. No entanto, para que se priorize o ensino de textos literários para todos os estágios do indivíduo, é necessária uma adaptação de práticas quanto ao ensino na formação do perfil do ascendente leitor.

> Se esse é o ângulo individual da leitura, o ângulo social decorre dos efeitos desencadeados. O leitor tende a socializar a experiência, cotejar as conclusões com as de outros leitores, discutir preferências. A leitura estimula o

> diálogo, por meio do qual se trocam resultados e confrontam-se gostos. (ZILBERMAN, 2008, p. 17)

Essa troca de ideias dos textos faz o leitor pensar o que é possível e o que é impossível. Esse diálogo é o início de uma aproximação com a literatura, porque para isso acontecer, é necessário a prática da leitura. Portanto, é lendo literatura que se forma o leitor, e por isso seu surgimento foi algo decisivo para o progresso na formação de leitores. Lajolo e Zilberman (2007) salientam que a literatura brasileira tem seu início de expansão a partir do século XVIII. Conforme as autoras,

> [...] como sugere Antonio Candido a propósito da literatura, a partir do final do século XVIII, vários fatores viabilizaram a configuração de uma literatura brasileira, no sentido de que autores e obras já circulavam nas ainda precárias aglomerações que, em nome do ouro e da administração colonial, ocorreram em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 24)

A circulação de livros, mesmo que em precárias condições, contribuíram muito para o desenvolvimento das práticas de leitura, inclusive as realizadas na escola. Vemos que nas histórias lidas pelos alunos, muitos se identificam com a narrativa, principalmente, quando se trata do narrador, ou o personagem principal ser uma criança. Ainda de acordo com as autoras (p. 32), "a presença de um protagonista criança é um dos procedimentos mais comuns da literatura infantil". Nesse ponto, o mundo literário infantil, quanto mais explorado mais familiar fica, torna-se mais atraente para seguir com a leitura.

> A leitura acontece quando a imaginação é convocada a trabalhar junto com o intelecto, responsável pelas operações de decodificação e entendimento de um texto ficcional. O resultado é a fruição da obra, sentimento de prazer motivado não apenas pelo arranjo convincente do mundo fictício proposto pelo escritor, mas também pelo estímulo dado ao imaginário do leitor, que assim navega em outras águas, diversas das familiares a que está habituado. (ZILBERMAN, 2008, p. 18)

Diante disso, o público infanto-juvenil evidencia durante a leitura literária que há um diálogo com a obra, uma vez que a linguagem, e muitas vezes os temas abordados, atravessam sua leitura a partir de percepções familiares. Dessa forma, percebemos os motivos que levam os jovens a terem preferência por textos fictícios, pois para eles é um mundo mais convincente. Para essa concepção, Candido (1972, p. 84) afirma: "Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar.". Ademais, se a literatura é um organismo capaz de

mudar concepções, transformar a vida do cidadão, cabe ao professor, mediador institucionalizado, considerar como a prática à leitura literária, aquela que leva o aluno atribuir sentido às leituras e se construa um leitor literário de forma crítica.

Contudo, segundo o que diz Rouxel (2013) pensar em um ensino da literatura que vise uma cultura literária que promova condições ao leitor para construir uma internalização das obras no prisma de explorar ou reconhecer, seja na sua forma imaginária ou virtuais, constrói uma cultura interior, "concebida como um saber para si, para pensar, agir, se construir" (ROUXEL, 2013, p. 19).

Assim, pensamos que o ensino depreende numa finalidade, e no ensino de Literatura, ainda de acordo ao pensamento de Rouxel (2013),

> É a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção [...] a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino de literatura vislumbra. (DALVI; RESENDE; JOUVER-FALEIROS, 2013, p. 20)

Coadunamos com a defesa da pesquisadora, e acrescentamos que para a construção do sujeito leitor, é necessário que o professor seja capacitado para guiar o repertório literário, seja preparado para dirimir a recepção das leituras do aluno, conduzindo para a apreciação literária sem desprezar suas concepções internalizadas. Mestres que vejam a recepção estética com variadas tangentes, as histórias das obras literárias de qualidade não devem ser previsíveis, mas que influenciem ao aluno construir seu senso crítico. Destarte, Eagleton (2017) afirma que

> Em todo caso, as obras de literatura não significam apenas uma coisa só. São capazes de gerar repertórios inteiros de significados, alguns dos quais se alteram à medida que a própria história vai mudando, e nem todos são necessariamente deliberados. (EAGLETON, 2017, p. 107)

Assim, cada obra literária traz consigo demasiado valor que acaba por ser estudada de acordo com a disposição dos elementos de uma frase. Isso é o que denominamos de estilística, acontecendo frequentemente com os textos produzidos pela literatura regionalista, em que autores como Coelho Neto e Simões Lopes Neto têm grande destaque.

Para Candido (1972, p. 88), "nos livros regionalistas, o homem de posição social mais elevada nunca tem sotaque, não apresenta peculiaridades de pronúncia, não deforma as palavras, que, na sua boca, assumem o estado ideal de dicionário". Essa representação do homem é fator marcante nas obras nordestinas, tanto quanto representar o homem rústico do sertão

brasileiro, trazendo a visão de criador e criatura.

Assim, podemos observar que ao incluirmos as obras literárias nas práticas metodológicas estamos fazendo literatura, incutindo-as em sala de aula e estimulando os alunos a usarem na sua vida afora. Oliveira (2011, p. 120) afirma que "estamos assumindo o compromisso de fazer literatura, isto é, de fazer a literatura acontecer junto às novas gerações". Esse fazer se constitui de processos e ações que devem ser realizados, a começar pelo acesso aos livros, que devem chegar às mãos do receptor para ser lido, passando pela necessária mediação do professor leitor e que se posicione criticamente como condutor dessas leituras, outro que julgamos também muito interessante é o envolvimento da comunidade escolar e família na prática de se ler e fazer literatura.

3. Passos e espaços do ensino de literatura

É com as histórias ficcionais que os alunos mais se interessam para ler, muitos atentam-se para o seguimento da narrativa com o suspense do que ainda vai acontecer. Quanto a isso, Lajolo e Zilberman (2007) ressaltam que

> A literatura infantil brasileira, elaborando ficcionalmente seus modelos narrativos e heróis, funda um universo imaginário peculiar que se encaminha em duas direções principais. De um lado, reproduz e interpreta a sociedade nacional, avaliando o processo acelerado de modernização, nem sempre aceitando-o com facilidade, segundo se expressam narradores e personagens. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 65)

A literatura infantil tem a incumbência de promover essa elaboração das obras fictícias, as mais lidas pelos jovens. Com isso, as narrativas de ficção apresentam fortes indícios de agradar e influenciar as crianças para a leitura, principalmente aos iniciantes. Nesse sentido, Oliveira (2011) destaca:

> [...] leitores iniciantes, a construção do mundo de ficção apoia-se em elementos esquematizados, muito simples, em que ambientes e caracteres humanos são delineados a partir de conceitos dicotômicos (longe/perto, claro/escuro), ao alcance do entendimento infantil, como na história da Branca de Neve. (OLIVEIRA, 2011, p. 124)

Percebe-se que as narrativas de ficção trazem todo um cenário mágico, o qual o leitor nota pela expressão "Era uma vez", demarcando um tempo e espaço imprecisos, trazendo conflitos como lidar com ciúmes, inveja e brigas, existindo um paralelo entre fantasia e realidade, expondo as

crianças à reflexão.

Esse percurso de ensino literário, é necessário para o crescimento dos alunos, tendo sempre o professor como mediador a pontuar considerações pertinentes a análise da narrativa. O educador de que discorremos, incentiva seus alunos às diversas formas de ler, seja pela escuta, pela exploração autônoma das leituras, levam seus alunos a prática da escrita, além de usarem esses conhecimentos para além dos muros da escola.

O último milênio é marcado pelas reflexões sobre como promover um ensino que abrace as necessidades individuais e sociais de uma sociedade marcada por tentativas de encontrar uma "ponte" que ligue esses dois elementos. Uma vez que o ensino atual incorpora grandes heterogeneidades, facultado a todas as classes sociais com escolas disponibilizadas onde há concentração de moradores, é notado grandes divergências na qualidade do acesso material e imaterial nessas escolas.

Enumeramos diversos fatores que impedem uma educação de qualidade. Partimos das estruturas físicas sucateadas ou improvisadas, falta de acesso a materiais que facilitam ou atraiam o público escolar; falta de investimento no aperfeiçoamento profissional; acervos de livros e bibliotecas que não atendem as necessidades, seja pela insuficiência ou ineficiência; falta de recursos tecnológicos e financeiros para equipar a escola, e os baixos salários que não fomentam convicção para o profissional se manter na profissão, termina abraçando para a função quem não construiu uma formação interior cultural para esse papel, mas os que escolheram o curso por motivo empregatício.

Os argumentos expostos coadunam com o que a pesquisadora Zilberman (2008, p. 14) evidencia: "o empobrecimento da escola pública é visível em todo o país, ampliando-se a clivagem entre as instituições de ensino destinadas às classes pobres, localizadas na periferia urbana, e as que atendem as camadas superiores". Esse enfraquecimento da escola pública é uma situação geral que abrange a educação, embora a escola surgiu o objetivo de atender ao público de elite da sociedade, como assevera Zilberman (2008):

> Relativamente à leitura, que ocupa a base do ensino e da qual se espera tanto, a pergunta talvez seja: que tipo de leitura caberia à escola estimular? Por muito tempo a resposta foi facilmente enunciável, já que, como a escola destinava-se sobretudo às elites, tratava-se de difundir a língua padrão e a literatura canônica, com a qual se identificavam os frequentadores das salas de aula. (ZILBERMAN, 2008, p. 15)

A escola de hoje precisa se atualizar quanto qual literatura ensinar

para esse público tão heterogêneo com necessidades elementares, desde o acesso a livros de qualidade e em quantidade, investimentos na formação e permanência de professores que asseguram uma formação de qualidade para esses alunos. Por conseguinte, essas implementações demandam recursos financeiros e intelectual.

Logo, a leitura é víeis para aprendizagem dos discentes e alicerce que contribui para a formação do leitor. Zilberman (2008, p. 17) sustenta que "o leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto". Esses debates promovidos pelas discussão da leitura estimulam os jovens ao diálogo e expõem os seus gostos literários, permitindo o confronto literário entre si.

4. Leitura literária e mediação

Partimos do pressuposto que mesmo com as leituras não podemos fazer as crianças serem melhores, já que a literatura não se responsabiliza por questões psicológicas. Ficando-nos facultado instigá-las à prática da leitura ao nível de autonomia para que se façam sujeitos capazes de escolher o que ler. Com isso, abrir rodas de discussões envolvendo as crianças num diálogo de apreciação, em prol de incumbir ao sujeito à análise de suas próprias escolhas.

Segundo Brasil (1998, p. 38), "a leitura de um texto, compreende, por exemplo, pré-leitura, identificação de informações, articulação de informações internas e externas ao texto, realização e validação de inferências e antecipações, apropriação das características do gênero". Ao seguimento dessas etapas, após a leitura é que partimos para a produção textual, atividade esta que é interligada ao hábito de ler. Sabemos que além de contribuir na produção de textos, também traz como função permitir aprendizagem pela experiência das leituras, pois todo texto literário, é também um texto de ensinamento.

Eagleton (2017, p. 61) cita que "inúmeras obras realistas convidam o leitor a se identificar com seus personagens. Espera-se que sintamos como é ser outra pessoa, mesmo que não gostemos muito da ideia de sermos efetivamente esse outro alguém". Logo, a experiência literária é refletida sobre as ações que passamos desde as mais simples até as mais complexas, retratando a função do texto literário, quando a História vai se unir ao literário, a literatura está no rol de narrar questões da história,

propiciando outras possibilidades de leitura, lendo até mesmo textos já considerados esquecidos. Eagleton, em sua obra *Como ler literatura* (2017), evidencia a ambiguidade e literariedade presente nos textos. Conforme o autor, "As obras literárias geralmente sabem coisas que o leitor não sabe, ainda não sabe ou talvez nunca venha saber" (EAGLETON, 2017, p. 67). As palavras que o autor traz na obra pode mostrar um sentido que instigue o leitor a querer mais e mais, desconhecido no seguimento da narrativa é o caminho para continuar lendo e fazendo suas anotações sobre a narrativa. A escrita então surge nesse contexto como compensação do entendimento da história, ademais que a leitura e a escrita estão entrelaçadas, são habilidades importantíssimas ao sujeito-leitor.

Destarte, que ao pensarmos nas habilidades escritas, Barros (2016, p. 30) afirma que, "partindo do princípio que o objetivo principal da escola é formar aluno como cidadão da cultura escrita, faz-se necessário que ela não só ensine literatura, uma vez que a formação pessoal, nesse termo, requer muito mais que isso, é preciso ler literatura". A autora evidencia que a produção textual advém de contribuições tidas perante leituras já realizadas pelo próprio aluno, denotando uma inter-relação de ambas as atividades (ler e escrever) e como o processo de escolarização, bem realizado, contribui para que o contexto literário seja alicerçado. Dessa forma, tomamos por base os Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa que trazem os tipos de leituras, discutiremos algumas destas:

> Leitura autônoma: A leitura autônoma envolve a oportunidade de o aluno poder ler, de preferência silenciosamente, textos para os quais já tenha desenvolvido uma certa proficiência.
> Leitura colaborativa: A leitura colaborativa é uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre os índices linguísticos que dão sustentação aos sentidos atribuídos.
> Leitura em voz alta pelo professor: Além das atividades de leitura realizadas pelos alunos e coordenadas pelo professor, há as que podem ser realizadas basicamente pelo professor.
> Leitura de escolha pessoal: São situações didáticas, propostas com regularidade, adequadas para desenvolver o comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores assíduos desenvolvem a partir da prática de leitura: formação de critérios para selecionar o material a ser lido, rastreamento da obra de escritores preferidos e etc. (BRASIL, 1998, p. 73)

Portanto, a realização de práticas de leituras de forma cotidiana segundo Brasil (1998, p. 19), "as situações didáticas têm como objetivo levar os alunos a pensar sobre a linguagem para poder compreendê-la e utilizá-la apropriadamente às situações e aos propósitos definidos". Logo, para termos a efetivação e sucesso com a leitura literária, é necessário que os

livros a serem lidos variem de acordo com a turma, papel que exige critérios e conhecimento do docente, em prol de promover no alunado um encontro literário, um diálogo entre leitor e autor mediante a obra lida, favorecer conhecimento que levam o aluno a escolha de suas leituras, dessa forma contribuir com segurança e qualidade para a formação do aluno leitor. Diante disso, a leitura permite que o leitor reaja com o que lê, conforme Compagnon (1999):

> Aquilo de que nos lembramos, aquilo que marcou nossas leituras da infância, dizia Proust, afastando-se do moralismo ruskiano, não é o próprio livro, mas o cenário no qual nós o lemos, as impressões que acompanharam nossa leitura. A leitura tem a ver com empatia, projeção, identificação. (COMPAGNON, 1999, p. 143)

Para o discente, o ato de ler traz a associação das palavras juntamente com a interpretação do nosso mundo, as experiências, situações do cotidiano processadas cognitivamente. Durante esse processo, as palavras são organizadas no subconsciente do indivíduo até serem fonte de significado para ele. Conforme Moura (2010),

> [...] outro fator que interfere no processamento da leitura é a emoção, já que, quanto mais o leitor identifica-se com o que lê, mais convincente a obra torna-se para ele. Alguns estudiosos afirmam que a afetividade é essencial para tornar a leitura mais significativa. (MOURA, 2010, p. 192)

Quanto mais emoção for dedicada à obra lida pelo leitor mais significado trará, desse modo o leitor poderá ampliar suas inquietações como também pode respondê-las, permitirá tornar-se a cada leitura um ser mais crítico ao fazer interpretações. Embora as interpretações sejam de acordo a percepção estética do leitor para com a obra lida, está não subjaz determinar padrões para a análise literária do texto. Segundo os Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa,

> [...] um leitor competente sabe selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender às suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos. O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos. (BRASIL, 1998, p. 70)

Assim, a competência leitora deve ser baseada na capacidade de assimilação e adaptação da realidade identificando o que está subentendido, realizando a leitura por camadas de profundidade. Por fim, prima-se que a leitura apresentada para ampliar conhecimento do público leitor deve acontecer a partir do considerar as leituras de mundo do público.

Por fim, para a formação de aluno "leitor" coadunamos com Brasil (1998, p. 71) quando afirma que "formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura". Desse modo, as condições a ser ofertada para a formação de leitores críticos de literatura demanda uma compreensão de todo o processo do fazer e do ler literatura, onde o aluno não somente descobre os elementos que compõe o texto, como também os elementos de produção, interaja com o contexto, autor e enredo construindo sua biblioteca interior.

5. Escola: espaço de leitura

Para muitos críticos, a escola desempenha o papel de conduzir intelectualmente os jovens, que de acordo Young (2007, p. 1290), se tratava de um espaço que servia para padronizar seus membros a um estilo, a uma forma de conhecimento, a qual afirma "no livro Vigiar e punir, Foucault (1995) agrupou escolas com hospitais, prisões e asilos, considerando-os como instituições de vigilância e controle, que disciplinavam alunos e normatizavam o conhecimento em forma de disciplinas escolares".

Dessa forma, ainda é referência de muitos alunos como alicerce de seu desenvolvimento social e onde agregam conhecimento no decorrer da vida estudantil. Embora a vigilância não seja para com o aluno, mas para o aluno ofereça um espaço de qualidade no ensino oportunizando progredir socialmente. Segundo Brasil (1998),

> Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações. (BRASIL, 1998, p. 19)

A escola como espaço que favorece o exercício da leitura e da escrita de forma gradativa e pensada, para muitos é o único espaço usado com essa finalidade, como ainda citando Brasil (1998, p. 25), "para boa parte das crianças e dos jovens brasileiros, a escola é o único espaço que pode proporcionar acesso a textos escritos, textos estes que se converterão, inevitavelmente, em modelos para a produção", ou seja, é o ambiente que dispõe de livros para os estudantes constituírem o hábito pela leitura. Quando,

> [...] tomando como ponto de partida as obras apreciadas pelo aluno, a escola

> deve construir pontes entre textos de entretenimento e textos mais complexos, estabelecendo as conexões necessárias para ascender a outras formas culturais. Trata-se de uma educação literária, não com a finalidade de desenvolver uma historiografia, mas de desenvolver propostas que relacionem a recepção e a criação literárias às formas culturais da sociedade. (BRASIL, 1998, p. 71)

De fato, é a complexidade dos textos ensinados na escola quem vai dirigir para uma formação intelectual dos jovens, a que Young (2007) denomina como "conhecimento poderoso". Esse, por sua vez, é o que os pais, mesmo de maneira implícita, têm expectativas que seus filhos possam aprender na escola. Segundo o autor,

> [...] assim, precisamos de outro conceito, no enfoque do currículo, que chamarei de "conhecimento poderoso". Esse conceito não se refere a quem tem mais acesso ao conhecimento ou quem o legitima, embora ambas sejam questões importantes, mas refere-se ao que o conhecimento pode fazer, como, por exemplo, fornece explicações confiáveis ou novas formas de se pensar a respeito do mundo. (YOUNG, 2007, p. 1294)

Ao tratarmos do mundo infantil, devemos respeitar e procurar compreender as diversidades existentes que encontramos no ambiente escolar. E como o conhecimento que é perpetuado dentro da escola reflete no meio social dos estudantes, devemos ter em mente a importância de ensinar respeitando as diferenças existentes e a cultura dos jovens. O fato de contribuir para o crescimento crítico desses, ainda não demonstra o domínio completo de todo conhecimento existente. O processo de aprendizagem é contínuo e deve ser progressivo dentre as limitações de cada sujeito, como corrobora Candido (2019):

> [...] lembramos que Rousseau discerniu há mais de duzentos anos que o menino não é um adulto em miniatura, mas um ser com problemas peculiares, devendo o adulto esforçar-se por compreendê-lo em função de tais problemas, não dos seus próprios; e que, no entanto, depois de dois séculos a maioria dos bancos, civilizados, continua a tratar os seus filhos e alunos como se esta verdade não estivesse consagrada pelos teóricos e pela observação de todo dia. (CANDIDO, 2019, p. 51)

Com essa visão, além da escola cumprir seu papel de oferecer a todas condições favoráveis ao desenvolvimento intelectual e moral, também precisa trabalhar em consonância as peculiaridades e particularidades, respeitando o tempo de aprendizagem de cada um. Assim, o ensino de Literatura pode ser o "portal" que conduz todos a um ensino profícuo e de integração. A literatura se mantem na função de permitir e direcionar o crescimento do estudante. Segundo Candido (2019),

> A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-

> a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 2019, p. 84)

Justamente por isso, a escola desempenha um papel essencial na sociedade, é o ambiente propício para a leitura da literatura, e se tratando de inserir desde os primeiros anos da educação básica, momentos em que a criança traz para a sala de aula suas impressões das leituras oralizadas, contribui para o crescimento do estudante e melhor desenvolve as habilidades cognitivas. Para Gonçalves (2013, p. 13), "é muito importante que a escola contribua para a preparação de alunos capazes de participar como sujeitos do processo de desenvolvimento da aprendizagem".

Rocha (2017) concorda com a visão exposta por Gonçalves (2013) "(...) a escola deve ser compreendida como integrante do processo de formação do cidadão e da sociedade, e não apenas como uma mera reprodutora de conhecimentos, mas como uma produtora de conhecimentos comprometida socialmente" (ROCHA, 2017, p. 20011). Dessa forma, sabemos que a escola é onde se contempla grande parte das vivências que o aluno tem, trazendo suas experiências para o ambiente escolar, cenário que ocorre de fato a formação do cidadão, eleva a condição de se posicionar criticamente nas leituras.

6. Considerações finais

Portanto, este estudo trouxe reflexões sobre a literatura que sendo utilizada na escola, em conjunto com as práticas de leitura, demanda grande importância no percurso de desenvolvimento do aluno como cidadão. E mostrou como a escola contribui de maneira positiva para que haja o clube da leitura literária em prol da formação de leitores. Faz um percurso sobre a literatura defendida para a escola por teórico renomados e sobre a importância de se contar com um professor leitor para mediar as leituras e conduzir de maneira progressivas a leitura de obras que estimulam os alunos formarem suas bibliotecas interiores e as usem na sua vivencia externa a escola.

Nota-se que as inquietações em prol de um ensino que priorize o texto literário para o ensino e promoção de um ser político, ainda engatinha, pois entendemos que se trata de um processo e não demanda somente conhecimento prático por parte do professor, requer políticas

públicas eficientes e urgentes para resolver o problema da falta de acervo de qualidade e em quantidade, incentivos financeiro para a capacitação profissional, equipar e locar as escolas de forma a instigar o desejo do alunado fazer parte da comunidade, e principalmente regulamentar de forma norteadora e catalizadora o ensino por meio do texto literário, pois como fora mencionado anteriormente, a literatura ensina as demais disciplinas, então é um objeto completo para expandir conhecimento e promover um encontro do aluno consigo mesmo. Pois a literatura é capaz de levar o indivíduo a vivenciar situações que na sua forma materializada não seria possível, mas passa a conhecer.

Contudo, o estudo traçou um panorama da nossa defesa ao ensino de literatura a começar nos primeiros anos do Ensino Fundamental, ação que não está presa a uma disciplina, ancoramos nossa defesa aos teóricos consultado, o quanto essa prática pode consubstancia na formação de sujeitos críticos e que saibam se posicionar com coerência sobre as demandas surgidas. Como também pontuamos um despertar para os docentes que se sentirem incomodados pela a inercia do seu público, não alcançando os resultados esperados com o planejamento das atividades, abrace o que esses teóricos defendem e vamos incorporar no fazer pedagógico textos que estimulam e abranjam conhecimentos que vão além do esperado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço.* 2. ed. Livro Digital (pdf): edições Câmara, 2019. Disponível em: https://www.baixelivros.com.br/literatura-brasileira/o-cortico. Acessado em: 18 de set. 2022.

BARROS, Rosiane Pereira da Costa. Texto literário e interdisciplinaridade: implicações na formação de leitores. Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras: ensino de Língua e Literatura, Araguaína, 2016. 165f. Disponível em: http:// https://core.ac.uk/display/289 275472 Acessado em: 06 de out. de 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p. 506. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf Acesso em: 24 de set. 2022.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e cultura*, v. 24, n. 9, p. 803-809, São Paulo, set. 1972. Disponível em: https://es.scribd.com/document/201482397/A-literatura-e-a-formacao-do-homem Acessado em: 16 de out.2022

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade:* Estudos de Teoria e História Literária. 13. ed. 1ª reimpr. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2019.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*: literatura e senso comum. Trad. de Cleonice Paes Barreto Mourào. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. *Leitura de literatura na escola.* São Paulo-SP: Parábola, 2013.

EAGLETON, Terry. *Como ler literatura:*um convite / Terry Eagleton; tradução Denise Bottmann. 1. ed. Porto Alegre-RS: L&PM, 2017.

GONÇALVES, Debora Souza Neves. *A importância da leitura nos anos iniciais escolares*. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2013.

GIL, Antônio Carlos, 1946 – *Como elaborar projetos de pesquias*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MOURA, Vagner Aparecido de. A importância da leitura nas escolas brasileiras contemporâneas. In: XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Rio de Janeiro: CiFEFiL. Disponível em: https://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/191-207.pdf Acessado em: 20 de out. 2022.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil e brasileira*: histórias e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

OLIVEIRA, Leda. *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil com a palavra o educador*. São Paulo, DCL, 119-33, 2011.

ROCHA, Camila Rodrigues de la. O papel da escola na construção de uma formação cidadã: vertentes reflexivas a partir da intervenção dos meios de comunicação em massa no cotidiano dos alunos. In: XIII EDUCERE (Congresso Nacional de Educação), p. 20009-14. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/27378_14313.pdf. Acessado em: 11 de out. 2022.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? *Educ. Soc.*, v. 28, n. 101, p. 1287-302, Campinas, set./dez. 2007. Disponível em: http://www.cedes.unicamp.br. Acessado em: 05 de set de 2022.

ZILBERMAN, R. O papel da literatura na escola. *Via Atlântica*, *[*S.l.], v. 1, n. 14, p. 11-22, 2008. DOI: 10.11606/va.v0i14.50376. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376. Acesso em: 30 set. 2022.